



CAMINHO DA FÉ

Versão nacional do caminho de Santiago de Compostela.

Profa. Doutora Elizabeth Regina Jesumary Gonçalves

FAE- Faculdades Associadas de Ensino de São João da Boa Vista, SP

Graduada em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco.

Mestrado em Educação e Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São

Paulo. Coordena o Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo das

Faculdades Associadas de Ensino FAE - SP.

Responsável pelo curso de pós-graduação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Introdução

Fazendas do século XIX e ruínas de vilarejos que despontaram na época do auge da cultura cafeeira no Brasil compõem a paisagem em torno das trilhas do Caminho da Fé. Essas fazendas em estilo colonial, muitas das quais já restauradas para a exploração do turismo rural, substituem os castelos e as igrejas medievais da rota de Santiago de Compostela na Espanha. Diante do potencial ainda acanhado do turismo rural brasileiro, os proprietários vêm vantagem em transformar os casarões em albergues de peregrinos. Mantendo todo um clima de época, na restauração das fazendas. No roteiro há também igrejas mais novas, com cerca de 200 anos, como a que está sendo restaurada na Fazenda Retiro, em Águas da Prata.

O Caminho de Santiago de Compostela, do latim "campus stellae", que significa campo das estrelas está localizado em um ponto estratégico indicado por um ermitão após observar uma chuva de estrelas sempre sobre um mesmo ponto. Posteriormente passou-se a acreditar que tal indicação estelar se tratava do túmulo de São Tiago, seguidor de Jesus Cristo. Considerado um dos principais caminhos sagrados da cristandade, estendendo-se do leste a oeste da Península Ibérica. Em um de seus pontos de partida mais concorridos, Roncesvalles, na Espanha, juntamente com o mais tradicional destes quatro itinerários principais é o caminho francês, que inicia nos montes Pirineus, em San Juan Pied-de-Port.



Conta a lenda que a Virgem Maria e São Tiago estiveram em Compostela para divulgar o evangelho e no ano de 813, o bispo Teodomiro, de Iria, na Galícia, encontrou em San Fiz uma tumba de mármore no meio do mato que seria a suposta sepultura do Santo apóstolo, que havia sido indicada pela chuva de estrelas vista pelo ermitão. A partir daí as estórias foram se espalhando pelo mundo afora e milhões de pessoas passaram a se deslocarem até lá, para conhecer o túmulo memorial que mais tarde se transformou em uma Igreja. O auge vivido pelo Caminho de São Tiago foi nos séculos 12 e 13, quando reis e espanhóis chegaram a criar uma ordem de cavalaria para proteger a cidade e as trilhas. Atravessando o país Basco, Cantábria e Astúrias, o peregrino de São Tiago de Compostela, chega à Galícia, no extremo oeste, onde os católicos acreditam estar o túmulo do santo apóstolo de Jesus Cristo.

Desde o século XI, o hábito de peregrinar pelos seus 800kms vem arrebanhando mais e mais adeptos do mundo inteiro, que movidos pela fé, promessa de bênçãos e indulgências almejadas expõem-se aos perigos e agruras do percurso compostelano, almejando os mais inusitados favores celestiais. A rota de São Tiago de Compostela atrai anualmente cerca de 150 mil pessoas de todo o planeta.

Pequenas setas amarelas, pintadas aos milhares nas pedras e árvores do caminho, orientam os peregrinos na região de Minas Gerais e São Paulo para a versão brasileira de São Tiago de Compostela no ‘*Caminho da Fé*’. Atravessando montanhas, rios, bosques e vilarejos em postura meditativa, de preferência com um cajado de madeira na mão, os peregrinos tupiniquins precisam percorrer um trajeto de 30 quilômetros por dia para chegar até as pousadas do itinerário.

Como na Espanha, os peregrinos recebem um passaporte na partida, oficializado pela igreja com o nome de MARIANA, em Santiago chama-se COMPOSTELA, a ser carimbado em cada pousada. Ao final, quem tiver os 24 carimbos do percurso, recebe o certificado de peregrino no Santuário Nacional de Aparecida.

O projeto do *Caminho da Fé* foi idealizado pelo fiscal de renda aposentado Almiro Grings, 62 anos, que já percorreu 2 vezes os cerca de 800km do Caminho de Santiago de Compostela, envolveu as três dioceses, 16 paróquias e 16 prefeituras em sua primeira etapa, com início do trajeto em Águas da Prata. Mais outras três paróquias e prefeituras estarão na segunda etapa prevista, até a cidade de Tambaú. Em 2001, Almino e seu irmão mais velho, Guido Grings, fizeram o trajeto do Caminho da Fé e aprimoraram o plano de implantação do



santo percurso. Segundo os dois implementadores, os elementos da natureza fazem o peregrino refletir no bem, na criação”, católicos, presbiterianos, pessoas de fôlego, também vêm como motivação os momentos de reflexão que as trilhas proporcionam, mas destacam outros aspectos: “ É um caminho apropriado ao trekking, para cultivar a saúde física e psicológica. E ainda estimula o turismo ecológico”.

No último dia 11 de fevereiro, dia de nossa Sra Lourdes, padroeira de Águas da Prata, foi inaugurado publicamente o *Caminho da Fé*, festejando-se o evento recente com um animado grupo de peregrinos que fizeram apenas o primeiro trecho da caminhada -Águas da Prata até Andradas. A igreja planeja para 1º de Maio a oficialização da rota internacionalmente.

Similarmente a versão européia, o *Caminho da Fé* já começa a revelar suas histórias místicas. Os milagres surgiram desde a fase inicial do projeto, com as trilhas existentes espontaneamente como se iluminados por Nossa Senhora, segundo afirmação de morador de Águas da Prata. Até os prefeitos das cidades que acolheram o projeto, receberam os criadores do *Caminho da Fé*, os 2 irmãos Grings e dona Maria Aparecida Dezena Cabrelon os três membros mais entusiastas do Caminho da Fé, com ‘ tapetes vermelhos’, como se tudo estivesse traçado por forças ocultas. Visões e revelações paranormais sobre a caminhada, também foram relatados aos Grings e repassadas com muita veemência e testemunho de fé.

Diante de todo o vulto que a versão tupiniquim do Caminho de Compostela está tomando já temos um fenômeno FOLKCOM , com futuro promissor.

Experiência relatada pelo Fotógrafista Leandro Gulin:

Iniciando no dia 12 de Fevereiro deste ano, o fotógrafo Leandro Gulin, percorreu o *Caminho da Fé* como repórter do Jornal de São João da Boa Vista : O Município. Ao todo foram 300 km ligando a cidade de Águas da Prata a Aparecida do Norte. O repórter fez um diário da sua caminhada e demais peregrinos. Até o final da peregrinação, Leandro enviou fotos e matérias contando detalhes da viagem.

“São 6:15 da manhã, do dia 12 de fevereiro. Após um Pai Nosso e uma Ave Maria, rezados de mãos dadas por mais de 30 pessoas, pontualmente, o primeiro grupo da caminhada da fé parte de Águas da Prata para Andradas. O objetivo final é Aparecida do Norte e o prazo para a chegada são de 15 dias.



Mogi Guaçu , Mogi Mirim, Poços de Caldas, Jaguariúna, Campinas, Guaxupé, Santos, São Paulo, Águas da Prata, São João da Boa Vista, entre outras cidades possuem seus peregrinos que enfrentarão 31 km de um dos percursos considerado o mais difícil, devido as estradas montanhosas de alto declive.

O primeiro quilômetro começa bem difícil com subidas altas e cansativas. Do 2º para o 3º quilômetro, os grupos começam a formar-se e a se distanciarem uns dos outros.. Neste começo , avistamos a cidade de Aguas da Prata à esquerda, e um lindo nascer do sol à direita, que faz com que os cliques das máquinas fotográficas dos peregrinos disparem a todo momento.

O caminho possui paisagens belíssimas e muitas surpresas. Após um longo tempo de caminhada avistamos Jonas Bernardes, um garoto de 9 anos, em seu cavalo branco. Sozinho o menino ‘toca’ uma grande boiada, no pasto da fazenda onde mora.

O início do percurso está nublado. Somente após 3 horas de caminhada, é que o sol aparece em definitivo e logo vem o percurso mais difícil, pela longa subida, em sol forte, recompensado logo mais com um delicioso banho de cachoeira na Ponte de Pedra.

O caminho continua com subidas e , por longos minutos os únicos sons que escutamos são os pássaros, o cajado batendo no chão e as aves que cantam sem parar.

Avistamos poucas casas, que abasteceram nossas garrafas de água, além das poucas bicas instaladas no caminho. A paisagem continua bela e as subidas não param. No caminho, várias pessoas paravam para descansar e os grupos foram se modificando.

Por volta das 14 horas, entramos em uma [porteira à direita, dentro de uma fazenda e começamos o processo de descida, que exige muito mais do peregrino, pois além dos pés, os joelhos sofrem para segurar o corpo cansado.

Esse talvez seja o trecho mais árduo, pois as dores nos pés, joelhos e ombros começam a incomodar, mas a fé é grande e o objetivo de seguir em frente é forte. Algumas paradas para descanso e beber água, e o caminho continua.

Por volta das 17 horas chegamos em Andradas e fizemos um longa caminhada, por dentro da cidade, para chegarmos ao Hotel Pastres onde paramos para descansar para o outro dia.

Para algumas pessoas é fim de viagem. O objetivo era apenas fazer o primeiro dia e começar o retorno de ônibus para as suas cidades.



Visivelmente podemos ver que não são todos que chegarão ao final. Mas a busca por conhecer melhor a si mesmo, começa a fazer efeito e todos, apesar de cansados, sentimos que nossas vidas nunca serão as mesmas, após este dia.

Renata Julsetti, 25 anos, é de Mogi Guaçu. Ela veio acompanhar sua mãe e curtir uma aventura diferente. “Sempre quis fazer caminhadas longas e apesar de cansadas, chegar até aqui, já é uma vitória”, afirmou Renata.

Já Maria Luíza Moneda, 46 anos, de Águas da Prata, sentiu muitas dificuldades durante o percurso e disse que até pensou em desistir. “Após a morte de meu filho, (ele foi assassinado em um crime que chocou a cidade) faz quase quatro meses que não faço caminhada; por isso senti muitas dificuldades no dia de hoje. Mas com fé em nossa Senhora Aparecida eu vou conseguir, nem que tenha que fazer alguns dias de ônibus”, concluiu.

“Dia 19 de Fevereiro: Leandro Gulin-Enviado especial-2º dia Andradas/ Serra dos Lima

Após a primeira noite de sono fora de casa, os peregrinos descem as escadas do Hotel Pastre em Andradas para tomarem café. Em uma discussão, todos resolveram que o destino do dia, Crezília, seria uma caminhada muito longa, cerca de 36 km, por isso decidiram ir pela Serra dos Limas, onde existe um pequeno vilarejo com fazendas e algumas casas. Este caminho possui 14 km e às 7 horas saem todos para mais um dia de caminhada.

Após um pequeno trecho em asfalto, pegam a estrada de terra que fica à direita, sentido Ibitiura de Minas e outras cidades, o que dificulta um pouco o caminho pela grande quantidade de poeira com o movimento de carros e caminhões.

No início deste trecho avistamos, à direita, a vinícola Beloto, local onde paramos para saborear ótimos vinhos, gentilmente cedidos pela casa. Continuamos e as mochilas parecem cada vez mais pesadas, mas a paisagem é muito linda, dando destaque para as montanhas e paineiras floridas. Também saboreamos pelo caminho goiabas e coquinhos, apanhados direto das árvores.

Muitas subidas neste percurso, mas destaque para o alto nível da serra que possui uma subida de 3km. Essa é a parte mais difícil. Todos sobem sem conversar com ninguém, parando várias vezes para descansar. Mas entre 10 e 11 horas todos já estão no alojamento fixado na escola da Serra dos Limas. A hospitalidade mineira é, sem dúvida, uma das melhores do país.



Após o banho nos alimentamos com um delicioso almoço. Com a tarde livre, todos puderam. Além de descansar, se conhecer melhor.

Vários grupos foram a uma venda, que ficava a um km do alojamento e passaram várias horas se divertindo com o povo local. Após o jantar, um terço rezado em homenagem a N.S .Aparecida, e logo todos estavam deitados para encarar o próximo dia.

3º Dia- Serra dos Limas/ Ouro Fino-

Acordamos bem cedo, tomamos café e às 6h30 saímos em direção a ouro fino, com poucos metros de estrada, um lindo nascer do sol, e várias cores iluminando o céu afora. Mas as cores não permaneceram por muito tempo pois as nuvens eram tantas que o dia esteve quase todo nublado.

Continuamos a subir e alguns pingos de chuva nos ameaçam constantemente. Após uma longa e cansativa descida, por estar forçando bastante os joelhos, avistamos lindas casinhas azuis, à nossa esquerda, uma bela fazenda em frente, do outro lado da estrada, e um lindo riacho que banhava este local.

Um pouco mais para frente havia uma ponte, à nossa direita, feita só por um tronco, onde mãe e filha atravessavam sem nenhum medo. A menina, de 6 anos, se chamava Josiele e sua mãe, Valdete Lima de Oliveira. Ela estava levando a pequena para a escolinha que fica no bairro São Pedro da barra, município de Andradas, onde fomos recebidos muito bem por seus moradores.

Ao continuarmos, pegamos mais um trecho difícil que foi outra subida grande de serra. Quando chegamos no final, todos exaustos, pedimos água em uma casa logo a frente e tivemos o privilégio de saborear um ótimo queijo fresco com café.

A partir daí ninguém mais parou. Nossa distância era de 30km e havíamos percorrido apenas um quarto do caminho. Fizemos uma parada em Crezília, distrito de Ouro fino a 5 km da cidade. Esse trecho foi complicado, pois passavam muitos carros e caminhões e a poeira está alta, misturando-se com o sol que nos contemplava.

Descansamos um pouco na praça de Crezília, carimbamos nosso passaporte e seguimos rumo à nosso destino do dia. Uma forte chuva nos pegou pelo caminho e só parou quando chegamos em frente à estátua do Menino da Porteira, que fica na estrada da cidade e possui 10 metros de altura por 11 de largura.



Nos instalamos na pousada Arco Íris e logo fomos jantar em um restaurante próximo. A alegria no rosto de todos era intensa, pois, agora sim, nos sentíamos peregrinos.

4º DIA- Ouro Fino / Inconfidentes-

A cidade Ouro fino possui uma magia que mexe com qualquer cidadão que conhece a música do Menino da Porteira. Quando você fica em frente à estátua, a emoção é muito forte e algumas lágrimas escorrem nos rostos de alguns.

Saímos às 8 horas rumo à Catedral de Ouro fino, onde fomos recepcionados por crianças de uma escola local. Após carimbarmos a credencial, seguimos rumo à Inconfidentes, cidade próxima. Havíamos decidido que andaríamos pouco, pois o dia anterior ainda estava presente em nossos pés, joelhos e colunas, com dores muito fortes. Após 10 km de caminhada em baixo de chuva, fomos recebidos pelo Prefeito Décio Bonamichi e por seus moradores com um calor humano muito agradável.

Depois de muitas fotos, fomos almoçar e nos hospedar na chácara do Prefeito, onde descansamos por toda a tarde. Às 19h30 fomos convidados a participar de uma missa em nossa homenagem. Foi um dos momentos mais emocionantes do passeio.

A missa foi celebrada em nome de N. S. do Peregrino. O padre anunciou nossa chegada e entramos todos juntos com a imagem de N.S. Aparecida, o que causou lágrimas em toda igreja.

Voltamos para jantar e combinar a próxima caminhada. Logo após, encerramos a noite com uma linda cantoria de violão e gaita em torno da piscina e fomos dormir cedo, pois no próximo dia a caminhada seria longa.

5º Dia-Inconfidentes/Tocas do Mogi-

Após um longo dia de descanso, comparado aos outros, estávamos decididos a fazer o caminho mais longo e cansativo. Saímos de inconfidentes às 6h(No antigo horário eram 5) e começamos a caminhada em direção à Borda da Mata.

Nos 19 km que se seguiram pela frente tiveram várias subidas e descidas longas. Por muitos km o riacho nos acompanhou ora pela direita, ora pela esquerda. O tempo ajudou bastante; o sol não saiu e, quando estávamos no alto da serra, por várias vezes cruzamos com névoas.



A paisagem das serras era das mais bonitas. Por volta das 10h30 chegamos em Borda da mata. Ficamos esperando o restante do grupo chegar na praça central, em frente a uma belíssima igreja Matriz. Comemos nossos lanches, abastecemos nossas águas e fomos em direção a Tocos do Mogi, a 18 km de distância.

Logo na saída, uma forte chuva nos pegou pelo caminho. Durou cerca de meia hora e quando acabou estávamos na subida do morro mais alto até o momento. Foi muito cansativo pois em sua metade o sol saiu muito forte, o que dificultava bastante o morro. Ao chegar no final, que fazia divisão com uma porteira, nos contemplamos com uma vistas sensacional.

Paramos para descansar um pouco num tipo de estábulo `a nossa esquerda onde havia uma torneira e um açude com água de mina. Bebemos, nadamos e continuamos a andar e , por incrível que pareça, as subidas continuavam. Dividíamos o percurso com vacas, plantações pequenas de tomates, rio e o sol forte.

Quando demos de cara com a 1º descida, sentimos até medo, devido à grande inclinação para baixo. Descemos de vagar, pois os joelhos estavam doloridos, e continuamos a andar. A 4,5Km de Tocos paramos em um barzinho que ficava em um vilarejo. A chuva voltou logo após, mais fraca desta vez. Descemos novamente outro morro inclinado. Caminhamos mais um pouco e chegamos ao local desejado.

Ficamos na única pousada da cidade e não cabiam todos, muitos tiveram que dormir no chão. Jantamos e fomos logo dormir. O cansaço era grande, mas as imagens que vimos todo o dia serão inesquecíveis.

6º Dia-Toca de Mogi/Estiva

Amanhece o dia e todos se preparam para mais um dia de caminhada. Nosso destino, desta vez, era a cidade de estiva. Duas turmas se separam: uma foi direto para Estiva e a outra para a cidade de Bom repouso. Ao final do dia, todos iriam se encontrar. Quem resolveu ir mais rápido andou 22km.

Estava no grupo que foi direto, pois o caminho para Bom Repouso aumentava mais de 20 km o percurso. Cada um foi para um lado e começamos a subir a serra. Com o passar do dia as descidas tornaram-se bem mais exaustivas que as subidas, pois descer força muito mais o joelho e muitos ainda sentem fortes dores.



Depois de uma hora e meia a duas de caminhada, passamos pela fazenda da Velha; um vilarejo bem pequeno, formado apenas por uma rua com uma igreja no final. Durante mais da metade do caminho fomos acompanhados por uma chuva forte e fria e por muito barro pela estrada.

Depois desse dia cheguei a uma conclusão: a cada dia os obstáculos estão mais difíceis e quanto mais cansativo, mais bonito é o caminho com seus vales altos e belíssimos, em sua paisagem natural.

Logo após a Fazenda da velha começamos a descer uma descida que não acabava mais. Em mais da metade deste caminho não percebemos a paisagem, pois com a chuva havia uma grande névoa que nos impedia de admirar o vale.

Após terminarmos de descer, a chuva parou e estávamos agora subindo uma serra que alguns pedaços de tão difíceis estavam calçados com pedras. Na subida do morro, a chuva deu uma trégua e quando terminamos avistamos a descida mais longa até aqui. Parecia que não tinha fim, mas quando parávamos para descansar podíamos ouvir o canto de vários tipos de aves.

Muito cansados por este trecho chegamos por volta das 14h30 em Estiva, uma cidade de 12 mil habitantes, cruzada pela Rodovia Fernão Dias. A cidade mineira traz uma igreja maior de todas que já vimos até o momento. O grupo de Bom Repouso chegou por volta das 20h, muito cansado. Pernoitamos na cidade em duas pousadas, pois não cabiam todos em uma. Estávamos exaustos, mas fascinados pelas belezas naturais encontradas até aqui.

7º Dia-Estiva/Consolação

Acordamos pela manhã, arrumamos nossas coisas e saímos em disparada para Consolação. Os 19 quilômetros que havia pela frente assustavam todo o grupo, que cada dia que passa fica mais exausto. Tomei a responsabilidade de levar a imagem de N.S. Aparecida, neste caminho. A cada dia um levava a imagem, que está nos acompanhando desde a saída, na Prata.

Cruzamos a Rodovia Fernão Dias e começamos a andar pela estrada de terra. Logo encontramos o Bairro Boa Vista, vilarejo de estiva, com uma praça central, igreja aos fundos e casas ao redor. Não tínhamos idéia da subida que nos esperava e quando começamos foi muito demorado para chegar ao seu final. Após outras subidas adiante e um visual de montanhas com várias cidades, chegamos no bairro de Caçador que pertence aos municípios de Estiva e Consolação.



Interessante a história deste bairro, pois existe apenas uma família com muitos parentes. A tradição deste local é casar todos em família, primos com primas são prometidos quando nascem e casam-se entre si para não haver divisão de terras. Moradores das redondezas afirmam ser visível vários problemas, em crianças recém nascidas.

Uma descida que não tinha fim nos esperava alguns quilômetros depois. No meio do morro, um carro para em minha frente. Era o sargento de polícia que queria tirar uma foto minha, por eu estar com a imagem de N.S. Aparecida. Após a tietagem, nos avisou que uma recepção nos esperava na cidade de Consolação. Seguimos caminho para a menor cidade do sul de Minas, com 1700 habitantes, na praça central, uma recepção com várias pessoas, com músicas e pétalas de rosas nos saudaram com bastante entusiasmo. Ergui a imagem de N.S.^a e todos vieram ao meu redor para beijar e abençoar-se com a santa. Fomos muito bem tratados pela Diretora de Cultura e Turismo Sueli Nogueira que, à noite, organizou outra recepção no ginásio da cidade com dança, capoeira e música ao vivo. Consolação é uma cidade pequena, mas com o coração grande. Vale a pena passar um dia inteiro nesta cidade, pois os moradores adoraram conversar com os peregrinos e os mais velhos contam casos antigos e engraçados da cidade.

Descansamos bastante em Consolação, pois os próximos dias serão muito sacrificantes. Mas ninguém do grupo pensa em desistir e o que mais sonhamos, diariamente, é com nossa chegada em Aparecida do norte.

8º DIA-Consolação/São Bento de Sapucaí

São 6hs da manhã e a movimentação na pousada começa com pique total.

Nosso dia será cansativo, pois 18 quilômetros nos esperam até Paraisópolis, onde almoçaremos e continuaremos logo após para São Bento do Sapucaí, primeira cidade paulista. A distância é de mais de 18 quilômetros.

Começamos a andar bem rápido, devido a uma leve garoa fria caía sobre nós. Não fomos pela trilha que existe entre as duas cidades, preferimos uma vicinal que no final do dia nos economiza 12 quilômetros.

Este caminho foi tranqüilo e muito gostoso, apenas com subidas e descidas leves, em comparação aos outros dias. Podemos avistar, neste trecho, além de belas montanhas rochosas e lindos vales, algumas minas de água cristalina que brotavam no meio da estrada.



Completamos o percurso com um sol forte e fomos bem recebidos em Paraisópolis, na pousada central. Após o almoço, a chuva voltou forte. Colocamos nossas capas de chuva e seguimos em frente, pela pista asfaltada que liga Paraisópolis a São Bento do Sapucaí.

É muito estranho e mais cansativo andar pelo asfalto. Você percebe pouco as paisagens e começa a prestar atenção nos carros, caminhões e ônibus que passam pela via expressa. O destaque desse caminho são as montanhas rochosas que nos cercam por grande parte do percurso, do lado esquerdo.

Faltado 8 km para o final da caminhada, entramos pela esquerda por uma estrada de terra que nos levaria com mais tranquilidade para São Bento. Um lugar muito bonito onde foi possível avistar à direita um lindo pôr do sol e, à esquerda, a Pedra do Baú, atração turística local

Chegamos na cidade e já estava escuro, poucos foram os peregrinos que tiveram tempo para ir à missa, celebrada em nossa homenagem. Muitos exaustos, tomaram banho, jantaram na pousada e foram logo dormir, pois o cansaço e a dor, em toda a perna e coluna, eram praticamente visíveis, em quase todos os peregrinos.

9º Dia- São Bento do Sapucaí /Santo Antônio do Pinhal

Acordamos com o dia ensolarado e nos preparamos para andar 30 quilômetros até Santo Antônio do Pinhal. Passaríamos, com 7 ou 8 quilômetros de caminhada pela cidade mineira de Sapucaí Mirim e, ao final do dia estaríamos de volta para o Estado de São Paulo.

Novamente andamos pela pista de asfalto, o que tira um pouco da beleza e do encanto da caminhada. Alguns peregrinos preferiram ir pela trilha de terra e, na cidade de Sapucaí Mirim, todos se encontraram para carimbar os passaportes.

Nesse caminho, uma jornalista e um fotógrafo do jornal Vale Paraibano, de São José dos Campos, foram conosco para fazer reportagem e sentir como é o dia de um peregrino.

Em Sapucaí Mirim foi possível perceber que é uma cidade pacata, bem ao estilo mineiro. Pegamos uma estrada de terra em frente. Subidas longas e paisagens lindas são partes do trecho.

Voltamos para outra pista asfaltada muito bonita e nos refrescamos mais à frente, numa belíssima cachoeira, embaixo da ponte que estava ao lado direito da pista. Continuamos a caminhada e começamos a subir um morro muito grande. Quando pensávamos que iria



acabar, mais subida nos esperava. Descemos todo o morro e chegamos ao nosso destino do dia.

Sto. Antônio do Pinhal é uma cidade que lembra bastante Campos do Jordão, com suas casas e prédios comerciais em estilo europeu.

O grupo chegou entre 15hs e pôde conhecer bem a cidade em que nos hospedamos

Ao escurecer fomos a uma pizzaria jantar e encerrar a noite com muita alegria, afinal, faltam 2 dias para chegarmos em Aparecida e a ansiedade torna-se grande, no momento em que falta pouco para completarmos nossa missão.

10 ° Dia- Santo Antônio do Pinhal /Pindamonhangaba

Acordamos por volta das 6hs e ao olhar pela janela vimos um sol forte e um céu azul. Percebemos que o dia seria quente. Nosso destino era ir de Santo Antonio do Pinhal até a saída de Pindamonhangaba. Este percurso tem cerca de 140km de extensão.

As 6h30 recebemos a benção do padre em frente a igreja Matriz, e percorremos 3 quilômetros até chegar a uma estação de trem no alto da montanha.

Posso afirmar, com certeza, que foi a vista mais linda que tive em todo o caminho. Estávamos em cima das montanhas e um mar de nuvens cobria todo o vale até o horizonte. O que mais se escutou, além de elogios, foram os clicks das máquinas fotográficas de todo o grupo. Começamos a descer, pela linha do trem, e logo entramos em uma trilha escorregadia e com muitas pedras.

Quando nos demos conta, as nuvens estavam bem acima de nós e continuamos a descer os 6 quilômetros da trilha no meio da floresta, até chegar na pista asfaltada, que em 15 quilômetros nos levaria à entrada de Pindamonhangaba.

Esse foi um caminho muito difícil e cansativo, pois o sol estava tão forte que todos estavam passando mal. Paramos, para nos recompormos, na casa de retiro Amor Divino, onde fomos bem recebidos pela irmã Benedita. Comemos lanches e frutas e descansamos por mais de 3 horas esperando o sol acalmar.

Saímos ainda com o sol forte e após alguns quilômetros cruzamos o rio Paraíba, que fica na estrada de Pindamonhangaba, quando o tempo fechou e começou a chover. Andamos por toda periferia, até sairmos na estrada que liga a cidade de Roseira.

Enfrentamos mais 10 quilômetros no acostamento, até chegarmos na pousada onde iríamos dormir. O último grupo chegou por volta das 20h45 e sabíamos que até as 12 horas estaríamos



em Aparecida. Os 18 km que distanciavam Pindamonhangaba do nosso destino final, pareceram os mais longos do percurso.

Tomamos café na pousada e fizemos nossa tradicional reza matinal. Uma pausa para cada um colocar sua palavra em agradecimento e outra para a sessão de fotos. O clima era de despedida e alguns membros do grupo derrubaram lágrimas emocionadas.

É difícil de acreditar que estávamos no último dia de caminhada. Este era nosso objetivo e estávamos felizes com nossa conquista, mas ao mesmo tempo, lembrávamos que esta família que construímos nesses dias de caminhada, iria se separar num piscar de olhos.

Deixamos as emoções de lado e começamos a andar. Em 2 quilômetros estávamos na cidade de Roseira e após vários metros encontramos repórter do jornal Vale Paraibano e da TV Bandeirantes local que nos acompanharam de carro até o final.

Apesar de caminharmos no acostamento de uma pista simples a paisagem era muito bonita. Podíamos avistar a Serra do Mar a nossa direita e a nossa esquerda mais ao longe a serra da Mantiqueira.

O sol estava forte e fizemos duas paradas para matar a sede. Entramos na cidade Aparecida do Norte chegando na pousada onde iríamos ficar, avistamos uma Van branca que parou do outro lado da pista, e saiu uma comitiva de pessoas de Águas da prata que vieram homenagear o grupo.

Paramos na pousada que ficava a 3 km da Basílica de Nossa Sra Aparecida e descansamos o resto da tarde. Nosso objetivo era ir a missa da 8h00 do próximo dia, que seria transmitida pela TV cultura e receberíamos nosso certificado de Peregrino. No grupo o clima era só festa pois nosso objetivo estava quase conquistado.

12º Dia-A entrada na Basílica

Acordar cedo já não era dificuldade para o grupo que estava tão acostumado com essa rotina. Praticamente todos acordaram sozinhos as 5h30, claro que houve alguma ajuda dos mais empolgados que ao levantarem começaram a gritar a todo o momento. Desta vez apenas 3,5km, praticamente 1% do caminho, nos afastava do Santuário de N.S.Aparecida.

Era incrível ver todos numa correria danada para preparar as mochilas, tomar café, tirar a última foto em grupo e fazer a reza final. Dentro de cada um havia algo que queimava por dentro e ninguém conseguia disfarçar a ansiedade do momento.



Rezamos nosso último Pai Nosso e Ave Maria juntos e saímos em direção a Basílica. Mais uma vez todos andaram juntos pelas ruas da cidade , com sol, forte e não prestávamos atenção em nada ao nosso redor.

Após 20 minutos de caminhada , atrás do morro a direita começamos a avistar a torre e logo mais à parte de cima da Basílica. Era incrível, onze dias de caminhada sob sol forte, chuvas diárias, roupas e tênis molhados, subidas e descidas longas e inclinadas, vários dias dormindo no chão, alguns dias tomando banho gelado, dores nos pés, tornozelos, joelhos e coluna, nada mais importava, nós havíamos chegado.

Por um longo momento o grupo não falou mais nada e todos, em transe, lembrando todas as dificuldades e belezas do caminho começavam a derrubar lágrimas com uma satisfação grandiosa por dentro de cada um. Quando nos demos conta toda a Basílica estava em nossa frente e nossos passos pararam nas escadas que se dá ao corredor menor da Catedral. Entramos com a imagem de N.S.Aparecida e sentamos ao redor do altar da igreja que tem a forma circular. A missa foi transmitida pela TV Cultura e celebrada pelo arcebispo Dom Aloísio Loucheider e padre Darcy.

Ao findar da missa todos se levantaram e foram para o final do corredor maior da catedral . Com a imagem no centro, caminhamos mais uma vez em direção ao altar e após subirmos , olhamos para todos e levantamos a imagem . Não houve uma única pessoa na multidão que não se emocionasse com o gesto dos peregrinos.

Muita emoção e satisfação marcou este final para todos. Toda a imprensa regional cercou a todos com microfones de TVs e rádios e foram tiradas muitas fotos para jornais e revistas.

Ainda fomos andar na passarela da cidade onde nos leva até a igreja Velha. Os carrilhões desta igreja tocou especialmente para nós, fato acontecido em raríssimas ocasiões. Dentro da igreja velha uma belíssima folia de Resis nos esperava para fazer a saudação final.

Com um clima de despedida todos fomos almoçar pela última vez juntos

Fomos embora para casa, cada um a sua forma, de carro, ônibus ou carona, mas não a pé. Talvez muitos fiquem algum tempo sem andar pois as dores irão permanecer por vários dias. Mas conquistamos nosso objetivo e a sensação de realização ou de conquista nos faziam ser pessoas diferentes daquelas que conhecíamos no primeiro dia de caminhada em Águas da Prata. Hoje eu entendo e sinto essa transformação.

COMO DEVE SER FEITO O PERCURSO- Aconselha GULIN:



- O peregrino precisa estar preparado física e espiritualmente para que tudo ocorra bem.
- Levar o estritamente necessário em uma mochila, para não ter que descartá-lo no caminho, como:
 - 2 camisetas, 1 bermuda, 1 calça, 2 meias e 3 roupas íntimas todas de tecido leve. Kit 1ºs socorros, destacando-se agulhas e linhas para costurar as bolhas que formam-se diariamente nos pés e faixas para enrolar joelhos e pés em caso de dor. O sapato deverá ser velho e acostumado ao pé, de preferência tênis com amortecedor.
 - Um cajado para ajudar nas subidas, descidas e defesa contra animais hostis.
 - 2 garrafas de água de 500ml que necessariamente serão reabastecidas no caminho.
 - Uma capa de chuva,
 - Chapéu para proteger do sol;
 - Protetor solar;
 - Câmara fotográfica

O caminho não deve ser feito com pressa de chegar, sendo ideal percorre-lo em 15 dias, parando e repousando em todas as cidades pois cada uma delas possui um universo de descobertas a serem feitas.

Considerações finais

De acordo com Beltrão(1980:40)

“...na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe(...)cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações...”

COM A DESCOBERTA E DIVULGAÇÃO DO *CAMINHO DA FÉ* PELA MÍDIA REGIONAL E ATÉ MESMO NACIONAL

SURGE QUASE QUE DIARIAMENTE PEREGRINOS DE TODO O PAÍS PARA PARTICIPAREM DO DESAFIO DE PERCORREREM A TRILHA QUE VAI DA CIDADE DE ÀGUAS DA PRATA ATÉ APARECIDA DO NORTE. OS DESAFIOS SÃO IMENSOS, MAS AFIRMAM QUE VALE A PENA. SURGEM OS PRIMEIROS VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS, AS PRIMEIRAS IMAGENS FOTOGRAFICAS COM O INTUITO DE ANIMAR E DIFUNDIR O FENÔMENO. ASSIM COMO POUSADAS E PEQUENOS NEGÓCIOS E CRESCEM EM TORNO DO CAMINHO DA FÉ. DENTRO EM BREVE, AFIRMA O VISIONÁRIO ALMIRO GRINGS, TEREMOS



UMA TRILHA MUNDIALMENTE FAMOSA COMO A DE SÃO THIAGO, NA ESPANHA, E COM DISPUTAS
ACIRRADAS ENTRE AS PREFEITURAS DAS CIDADES VIZINHAS QUE DESCOBRIRAM ALÍ, UM
GRANDE NEGÓCIO.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional: festas, bailados, mitos e lendas. V1. São Paulo, Edições melhoramentos, 1964.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Folkcomunicação no contexto de massa. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000
- MELLO, Oliveira. Minha terra: suas lendas e seu folclore. Belo Horizonte. Editora Lê, 1970.